

“Precisamos trapacear a língua”: entrevista com Renata Carvalho

“We need to cheat the language”: interview with Renata Carvalho

“Necesitamos engañar al idioma”: entrevista a Renata Carvalho

Renata Carvalho¹

Brume Dezembro Iazzetti²

Ruby Mascarenhas³

“Se não tem, agora tem, porque nós estamos aqui. Se não tem, a gente criou. Agora respeite.”

Trans e cis são dois prefixos oriundos do latim cujo uso é difundido em diferentes campos. O primeiro refere-se à ideia de estar do outro lado ou para além de algo. Já o segundo enseja a ideia de estar do mesmo lado de algo (RODOVALHO, 2017; CAVA, 2022). Há mais de duas décadas os ativismos de pessoas travestis, transexuais, transgênero e não-binárias reivindicam o uso de conceitos como *cisgeneridade*, *cisnormatividade*, *cistema* e *cissexualidade* para nomear um conjunto de normas e normatividades antes invisibilizadas no âmbito do “universal”, equilibrando a balança de poder que dominou historicamente o saber acadêmico. Por muito tempo, a produção científica, tanto nas ciências sociais quanto nas ciências médicas, tratou pessoas trans como objeto de estudo sob posições abjetas e tuteladas, ou seja, enquanto um grupo de indivíduos sobre os quais se escrevia, mas que não podiam falar sobre si. Os esforços empregados por intelectualidades trans em nomear a norma - incluindo, na última década, nas universidades brasileiras - não ocorreu sem uma visceral resistência

¹

² Doutoranda em Science and Technology Studies (STS) na Cornell University. Mestra em História Pública pelo programa History in the Public Sphere (HIPS) (Erasmus Mundus). Mestra em Antropologia Social e Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: brume.dezembro@gmail.com

³

contrária de pessoas cis que ocupavam (e ainda ocupam) lugares de destaque na produção científica acadêmica.

É no espírito de questionar as relações de poder que conformam a produção de narrativas sobre pessoas trans que conversamos com a atriz, travaturga, diretora e transpóloga Renata Carvalho. Renata nos contou em entrevista sobre sua trajetória artística, da sua afirmação e percebimento como travesti, da transição nos palcos e fora deles, das lutas travadas e das conquistas alcançadas ao longo de suas quase três décadas de carreira e ativismo. Leitora voraz e, sobretudo, uma rosiana, a aquariana com gêmeos nascida em 8 de fevereiro de 1981, na cidade litorânea paulista de Santos, compartilhou sua paixão pela palavra e falou sobre o ato político e subversivo de nomear. Seu arsenal de conceitos, elaborados e trabalhados na pesquisa e em cena, são poderosas ferramentas político-analíticas e evidências sólidas da vitalidade e abrangência dos saberes trans e travestis.

Renata falou ainda sobre os limites entre trajetória e projetos pessoais, e luta coletiva, incluindo os desafios de construção nesses espaços, em uma trajetória marcada por uma série de ataques dentro e fora dos palcos. Renata ganhou fama nacional em meados de 2016, quando interpretou Jesus na adaptação brasileira da peça “O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu”. No mesmo período, Renata criou o MONART (Movimento Nacional de Artistas Trans), e ganhou notoriedade com discussões públicas sobre representatividade trans e a prática do *transfake*.

Mais recentemente, em 2019, lançou o monólogo “Manifesto Transpofágico” publicado posteriormente em 2022 em livro, que desde então acumula críticas positivas no Brasil e no exterior. Renata também tem atuado em diversos longa-metragens, como “Vento Seco” e “Os Primeiros Soldados”, e recebido premiações de renome. A transpóloga e travaturga finaliza hoje sua graduação em Ciências Sociais e um longa-metragem de “O Corpo: sua autobiografia” (hoje disponível como média metragem), enquanto se aventura pela escrita e novos projetos artísticos. Iniciamos nossa conversa perguntando sobre sua trajetória, onde nasceu e como começou no teatro, em seus enlaçamentos com o ativismo, e sua trajetória pessoal.

Sobre trajetória pessoal e profissional: Teatro, ativismo em Santos, “Representatividade Trans”, e projetos de um ‘corpo que vem sempre antes’

Renata: Eu sou de Santos, comecei o teatro no ano de 1996, no Curso de Iniciação Teatral, porque era gratuito - sempre fiz teatro de graça, porque eu não tinha dinheiro para pagar. E desde então começo o entendimento como ator, [mas] devido a minha feminilidade nos palcos eu perco oportunidades de interpretar personagens masculinos. Olho para os lados,

percebo que o diretor pode ser gay publicamente, e aí eu me torno diretor. Minha transição, meu percebimento travesti, acontece na direção.

Na verdade, eu transiciono na vida antes e no teatro depois. Em 2002, sou expulsa de casa. No teatro, só transicionei em 2007. Então a transição acontece na direção - eu era mais conhecida como diretora do que como atriz. Só que quando eu transicionei, ficou muito... as pessoas faziam muitas perguntas sobre, e eu sempre ficava com isso de estudar teatro, estudar teatro, estudar teatro. E em 2007 eu me torno agente de prevenção voluntária e trabalho na prevenção de ISTs (infecções sexualmente transmissíveis), HIV/AIDS, hepatite, e passo a trabalhar com travestis e transsexuais na prostituição. E aí começo a estudar o corpo trans.

É engraçado que são energias que juntam né. Uma de eu ser agente de prevenção voluntária e começar a estudar o corpo trans mais ligado à questão da saúde, psi, enfim. Mas quando eu transiciono, eu percebo que as pessoas... eu perco os espaços, perco amigos, perco familiares. E aí um dia lembro que eu queria entender o porquê disso. Eu queria entender muito, principalmente os meus pais, porque foi muito doloroso ser expulsa de casa.

E aí lembrei que o teatro sempre me ensinou a pesquisar tudo que eu queria, assim: se eu vou montar uma peça, o autor, o ano, o tema. E aí vou, e falo assim: “eu vou atrás desse livro que conte essa história das travestis, das pessoas trans.” Começo a procurar e a achar só esses livros que falam dessa exclusão histórica - na época muito jovem e petulante eu disse: “então eu vou escrever esse livro.” Como eu já fazia teatro, comecei a pesquisar onde apareciam pessoas trans nas artes.

Em 2012, volto para o palco com “Dentro de mim mora outra”, que é o meu primeiro experimento no meu corpo. Entro como atriz em 2009, num outro espetáculo, que é uma cena muito curta, “A vida como ela é” do Nelson Rodrigues - estudei muito Nelson Rodrigues, como diretora acabei quase me especializando... E aí faço esse espetáculo, “A vida como ela é”. E a partir desse trabalho, talvez, eu pensei: “quero voltar, quero voltar”, e faço o “Dentro de mim mora outra”, onde conto a minha travestilidade, que era [uma peça] mais voltada à questão da minha vida, as mudanças corporais... mas já tinha essa questão das perguntas da plateia - as pessoas faziam muitas perguntas, né. E isso continuou [num próximo momento] no “Manifesto Transpofágico”, só que de outra forma.

E daí começo a me incomodar ao fazer o “Dentro de mim mora outra”, porque as pessoas começam a me salvar - porque eu era uma travesti diferente das outras travestis. E quando eu me torno *transpóloga* percebo que a questão é o meu corpo, independente de quem eu seja. Isso está no começo do “Manifesto.” Por isso que corto o meu rosto - além disso, também tinha a

coisa de ser famosa, essas coisas assim, na época. Porque eu fiz isso em 2018, no auge do Representatividade Trans e no auge de “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha dos Céus”, né. Não sei nem como escrevi esse texto [risos].

E aí percebo que começa a me fazer mal, mesmo, eu não quero mais fazer o espetáculo, porque com o meu estudo percebo que preciso ir para o macro para poder mudar o meu micro. Eu percebi que eu tinha que mudar o entorno com os meus próximos - eu precisava ir para o coletivo, desmistificar a questão coletiva, não uma questão pessoal. Então meu estudo vem muito através disso. É a partir desse estudo que começo. Eu acho que ser *transpóloga* é o meu propósito de vida.

Então, eu denunciava [desde aquela época] as questões do *transfake*. Eu nem sabia, porque não tinha como - eu permaneci na arte, mas eu não vivia dela, né. Então eu falava: “nossa, eu estou aqui, caramba, querendo viver de arte, e nunca me chamam”. Nos testes que eu fazia, riam de mim. Briguei para ser chamada de atriz, era uma briga muito constante. E eu pensando... eu briguei no teatro desde que comecei, então são 28 anos brigando por esse espaço.

Em 2017, com a estreia em 2016 de “Jesus”, e já refletindo um pouco também sobre essa questão do *transfake*, escrevo o “Manifesto Representatividade Trans” e convido a Leona Jhovs e o Léo Moreira Sá. Apresento o projeto para eles, e aí lanço o MONART (Movimento Nacional de Artistas Trans). A partir disso, falo sobre representatividade - hoje estou falando sobre narrativa. E quando coloco o meu corpo em 2012 como experimento, a partir disso, todo o meu teatro é paralelo ao meu corpo, paralelo a minha vivência.

Engraçado que fiz o “Dentro de mim mora outra” e o meu próximo trabalho foi o “Projeto Bispo, tratado como bichos/bispos se comportam como um” (2013), que era sobre Arthur Bispo do Rosário, Stella do Patrocínio, Estamira... e a primeira coisa que o meu diretor na época, o meu amigo - que é um diretor fundamental na minha vida, Cadu Veríssimo - na primeira reunião, ele falou para mim: “eu não quero que você fale sobre trans”. Aí falei: “ah, eu também não quero falar sobre trans!” Porque realmente é muito desgastante... e isso não é com “Jesus” e agora com o “Manifesto”. Isso veio desde o “Dentro de mim mora outra”, nessa questão de que eu sempre tive que parar, depois do meu espetáculo, de ficar uma hora a mais para as pessoas virem falar da vida, quando as pessoas tiveram [seu próprio] percebimento. A representatividade, ela tem um ponto fundamental, ela é imediata. Você olha e já desperta alguma coisa em você. E, na verdade, durante o processo [da peça] não tinha como não [fazer isso], e aí fui entendendo a questão desse corpo.

Ruby: O “Evangelho Segundo Jesus Rainha dos Céus⁴” foi super censurado, teve ameaça de bomba, e tudo mais.

R: Ameaça de bomba não, teve bomba. Não teve ameaça não, teve bomba⁵.

⁴ A peça foi escrita pela escritora britânica Jo Clifford e estreou em 2009 em Glasgow, na Escócia, onde sofreu forte reação contrária nos dias que se seguiram à estreia. Foi traduzida para o português em 2014 por Nathália Mallo. Em março de 2019, em entrevista para Katie Goh, do portal Dazed, Clifford conta um pouco do processo de criação da peça e menciona o caso brasileiro.

⁵ Dentre os seguidos episódios de censura que ocorreram em Jundiaí, Salvador e Rio de Janeiro, Renata se refere aqui àquele que foi o mais violento, no dia 27 de julho de 2018, na cidade de Garanhuns, em Pernambuco. A matéria de João Ker no Intercept Brasil, de agosto de 2018, relata que após uma nota emitida pela Diocese de Pernambuco, o desembargador Roberto da Silva Maia do Tribunal de Justiça de Pernambuco emitiu uma liminar proibindo o espetáculo após um mandado de segurança impetrado pela Ordem dos Pastores Evangélicos de Garanhuns e Região. Horas depois duas liminares permitindo a realização do espetáculo foram emitidas pelos desembargadores Cândido Saraiva e Sílvio Neves, mas a Secretaria de Cultura e a Fundação do Patrimônio e Artístico de Pernambuco mantiveram a decisão de excluir o espetáculo da programação do Festival de Inverno de Garanhuns. Renata manteve a decisão de apresentar o espetáculo, mesmo após a explosão de uma bomba caseira

r: Nossa! Você poderia nos contar mais desse contexto?

R: Passei no teste em dezembro de 2015. E foi quando larguei o salão e os outros trabalhos [que eu fazia] e resolvi: “não, agora vai ser a minha última tentativa mesmo, se não der certo eu paro de fazer teatro.” E aí quando li, fiquei muito mexida, porque no “Projeto Bispo” eu já trazia a questão da religião. Por ser uma questão que acredito que [seja] o núcleo da transfobia: está na religião, está na moral. E eu lembro que eu falava para os meus amigos assim: “gente, uma atriz travesti”. E aí estreamos em agosto de 2016 e desde que a gente estreou a gente sofre ameaças, perseguição, enfim... coisas bem violentas, de agressão, enfim, muitas dificuldades a partir disso.

Mas é esse trabalho, um divisor de águas na minha vida, que leva a minha voz onde nunca ela havia alcançado, não alcançava mesmo com vinte anos de teatro. Me levou a espaços culturais, e com isso tomei a responsabilidade para mim e comecei a utilizar dessa voz para denunciar essa exclusão dos corpos trans, a dificuldade da permanência, a prática do *transfake*. Eu percebo que sou censurada na arte desde sempre, mas tenho essa percepção com “Jesus.” E quando entendo a questão corporal, ela salva a minha vida. Eu sempre dizia isso no MONART... “não esqueçam que a questão é do corpo”

Então, “Jesus” foi um trabalho que eu nunca vi na história - que tenha mexido ao mesmo tempo, na arte, na educação, no judiciário, na política e na religião. E com debates bem acalorados, podemos dizer assim.

O que posso garantir é que ser a primeira, estar à frente dessa luta, me adoeceu. Não foi fácil, faz cinco anos que terminei de apresentar o espetáculo e as pessoas perguntam dele até hoje. Estou conseguindo refletir sobre ele depois de cinco anos só, porque ele foi muito violento. Com o “Representatividade” também... por isso que terminei o MONART no ano passado [2023], porque ele ainda era violento para mim, principalmente devido ao ataque de [outras] pessoas trans.

Então percebo que além do meu desgaste físico e mental, eu estava tendo um desgaste da minha imagem. O meu trabalho hoje em dia... estou indo muito na escrita, na questão das narrativas. [Eu já estava na escrita] depois que se tornou público o “Representatividade Trans”

no palco e a ameaça de violência por parte dos seguranças do festival. Após a chegada dos oficiais de justiça, Renata apresentou a peça do lado de fora debaixo de chuva.

e [as discussões sobre] *transfake*. Estudei sobre ética, e hoje nomeio as narrativas mais comuns que a arte utiliza para falar de pessoas trans no humor e na comédia, eu [as] nomeio e explico cada uma delas - desde figurino a maquiagem, os gestos... e também falo sobre a *transfobia recreativa* que se utiliza disso. E a partir disso, eu também estou tentando [desenvolver] o que chamo de *narrativa do sonho*. Quero escrever sobre afeto, sucesso, amor... Quero falar sobre narrativas positivas. Quero criar espaços em que possa existir essa felicidade trans, dizer que pessoas trans envelhecem, que é [algo] tão natural.

Estou nesse momento de me perguntar: “Para que eu escrevo?” “Por que eu escrevo?” “Para quem eu escrevo?” “Qual imagem que eu crio a partir disso?” “Por que eu quero essa imagem?” “Eu quero continuar reproduzindo e reforçando estereótipos derogatórios?” “Ou se eu quero, ao mesmo tempo, criar narrativas positivas, criar outros imagéticos e, ao mesmo tempo, abalar esse lugar do senso comum que só designa alguns corpos para alguns personagens e para algumas vivências?”

r: A minha sugestão seria, talvez, comentar um pouquinho dos próximos projetos.

R: Bom, “Diáspora” eu já tinha marcado a estreia em Paris e em São Paulo, cancelei. E aí, eu adiei para 2026, se isso acontecer, se eu tiver saúde. Estou num momento de terminar o que estou fazendo. Primeiro, terminar a minha faculdade. Então esse é meu próximo projeto. Preciso escrever o roteiro do longa “Corpo: sua autobiografia,” que eu já estou há tempos, mais de um ano, tentando escrever, e não consigo. E eu tenho vontade de lançar livros sobre a minha pesquisa... sobre “Jesus.” Enfim, tenho essas vontades ainda. Estou resolvendo primeiro a minha vida [pessoal], para depois tentar, de alguma forma, refletir isso no teatro. Mas, mesmo assim, eu estou o tempo inteiro refletindo. Tem trabalhos que estão dentro da minha cabeça há mais de cinco anos. Como o MONART um dia esteve na minha cabeça, e eu nem sabia que o nome ia ser MONART . Aquário com gêmeos [risos].

B: No “Manifesto”, tem uma fala emblemática - de que nosso corpo [trans] sempre vem antes. Estou percebendo muitas autorias trans usando a autoetnografia, falando em primeira pessoa nos trabalhos, mas também como isso às vezes, pode ser cristalizado, reduzido, como uma experiência individual. Como se você tivesse que representar todo um coletivo, que é complexo, contraditório. Seu trabalho faz lindamente isso de colocar [sua posição] em primeira pessoa e trazer essa trajetória nesse coletivo. Como você também faz esse balanço? De trazer sua trajetória, mas também trazer essa história coletiva a partir do corpo, como pensar representatividade, sua trajetória, mas também um espetáculo coletivo? Como você se propõe a fazer isso na sua pesquisa?

R: Eu sempre fui coletiva. O teatro é coletivo. O “Manifesto”, ele é coletivo, é que só eu estou em cena, mas ele é coletivo. Eu preciso do Fidelis, do Lúbio, da Juju, eu preciso da Cissa, preciso da Gabi, Corpo Rastreado, enfim. Porque as pessoas também têm a falsa impressão de que eu não faço trabalhos coletivos, mas eu sempre fiz trabalhos coletivos. Eu só fiz monólogo em 2012, porque na minha época só fazia monólogo quando você tinha muito... “Nossa, essa atriz é foda, ela pode fazer monólogo,” né? Não era comum fazer monólogo, era só se você tivesse muita experiência, sabe? Era quase um elevado patamar.

Mas eu fiz o meu primeiro monólogo em 2012, porque ninguém queria me dirigir. Criei um grupo porque ninguém queria me dirigir. Comecei a dirigir todas as peças que eu queria fazer. As personagens que eu queria fazer. Então, sempre fiz os espetáculos como se eu fosse atuar. Tinha alguns personagens que eu falava assim, “ó, esse personagem é meu, eu estou te emprestando.”

E eu digo coletivamente, não só no teatro, no movimento, não só no meu grupo de teatro. O movimento cultural lá de Santos tinha essa questão coletiva, a gente lutava coletivamente por várias questões. Quando estavam para retirar a Secretaria de Cultura. E em Santos, como militante, era só eu e a Taiane Miyake. A gente mudou [as coisas], tinha nome social na educação lá antes de ter no Brasil. Santos tem ambulatório trans há muitos anos. Fomos nós que conseguimos. E foi natural vir com isso para São Paulo.

Enfim, como falei, eu me perdi nesse coletivo [com o tempo], né? E acabei perdendo os meus sonhos individuais, porque as pessoas... Parece que todo o trabalho que faço agora, eu preciso trazer pessoas trans e eu preciso desbravar esse lugar para pessoas trans. Mas por que só fica para mim essa função? Por que o peso tem que ficar só comigo? Por que só eu tenho que responder?

As pessoas tinham medo de fazer isso na época. Então, quando percebi também que eu estava deixando os meus sonhos de lado... Eu estava sem dinheiro e brigando para as pessoas terem dinheiro. As pessoas falando mal de mim, dizendo que eu queria aparecer. Então, teve alguns questionamentos que eu cansei. Porque todo mundo quer aparecer na foto, mas ninguém quer segurar a lança. Então, os meus primeiros embates no MONART foram porque as pessoas ficavam com ciúmes que jogavam “representatividade trans” no Google e aparecia a minha foto. E eu disse: “em vez de vocês quererem apagar a minha imagem, por que vocês não juntam a de vocês comigo?” Só que, para juntar, você precisa responder à imprensa, você precisa responder [esses grandes nomes do entretenimento]. Ninguém queria responder e falavam que não queriam responder porque queriam [um dia] trabalhar em tal emissora. Tinham pessoas

que me ligavam para eu brigar por elas! Então, eu cansei. Se eu contasse tudo o que aconteceu comigo, das pessoas trans que me atacaram... só que eu disse assim para elas: não é estratégico. Porque vão achar que o nosso movimento é fraco. Tanto que na minha carta, eu não falo sobre isso.

O “Manifesto transpofágico”... várias famílias não foram destruídas por causa do “Manifesto transpofágico”. Por causa do “Corpo, sua autobiografia”... eu realmente amplio os lugares. Eu fui agora para o Chile, no começo do ano, apresentar a “Diáspora”. E aí, quando eu voltei ao Chile, veio uma travesti muito jovem, eu não a conhecia, e falou assim... [Renata se emociona]. Desculpa. E falou assim pra mim: “Eu sou o resultado.” E depois, no teatro onde apresentei o “Manifesto,” depois que fui embora, contratou uma travesti para ser fixa no teatro. É o que me acalenta e aonde eu quero continuar.

Todas essas questões é o que me tira um pouco da dor desses ataques, né? De saber que meu trabalho faz sentido, de eu ir na Corpo Rastreado, que é a produtora. Quando cheguei, não tinha pessoas pretas, não tinha pessoas gordas, não tinha pessoas trans. Hoje tem [pessoas] trans na produção, na iluminação... como artistas sendo produzidos por lá. Então, é nesse lugar do coletivo que eu quero [fazer teatro], né? Então, foi difícil eu entender esse lugar, eu largar, inclusive, o MONART, foi muito difícil para mim. Porque tinha uma questão de amor mesmo, de pesquisa, de acreditar, né? Então, eu estou indo ao coletivo agora de outra forma,.

“Trapeçar a língua”: Sobre palavras possíveis, referências, memórias e escrita

Brume: Em que momento surge a *Transpologia* enquanto conceito na sua trajetória?

R: Foi quando li Roland Barthes, um texto chamado “A aula” e lá ele diz algo assim: “a língua francesa é fascista, não porque ela te impede de dizer, mas porque ela obriga.” Precisamos trapacear a língua. E em “Grande Sertão Veredas” Riobaldo diz: “Tanta coisa importante na vida falta nome...”

Então passei a nomear: *transpóloga*, *transpologia*, *traviarcado*, *transcestralidade*, *democracia cênica*, *transfake*, enfim. Passei a nomear, porque a gente não pode combater uma coisa se a gente não sabe o que é, se não tem nome. Então falavam: “Transpóloga não existe”. A palavra existe, olha eu aqui! E hoje as pessoas me ligam querendo [minha] opinião porque sou transpóloga. De como levo o meu trabalho de forma ética e responsável também, que isso hoje me traz uma respeitabilidade, uma credibilidade, nessa questão do conceito. Porque também, por mais que eu esteja na academia só agora, terminando a graduação ainda, já [sou] pesquisada e referência em doutorados e mestrados, as pessoas perceberam que a minha

pesquisa deu certo. Porque a minha pesquisa é quase palpável. Você consegue andar na arte hoje e pegar na minha pesquisa.

E quando eu fiz isso em 2017, isso era impossível. E eu estou dizendo isso de uma travesti que faz teatro há 28 anos. O teatro do mainstream, o teatro dito “sério.” O teatro de pesquisa, o teatro que propõe alguma coisa. E eu estou dizendo isso porque eles estão olhando para esse nosso teatro só agora, porque quando estreei em 2019, as pessoas vinham no meu espetáculo. O meu teatro hoje é considerado teatro só em 2024, 2023... As pessoas estão considerando o meu texto teatral a partir de 2023. E eu estreei em 2018.

Porque pensavam que uma travesti ou uma pessoa trans não tem o que acrescentar artisticamente, e intelectualmente. Pensavam que não tinham que ver a peça. Quando percebi que tinha jurados de premiações que nunca tinham me visto no palco, e eu já tinha três anos com o “Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu”, isso me assustou muito. Porque falei assim: “nossa, ele não teve nem a curiosidade de assistir um espetáculo que tem levantado tantos debates no Brasil”. Porque se fosse qualquer outro ator cisgênero, teria tido outro olhar dessa crítica.

No começo, as pessoas achavam que eu queria ganhar prêmios, e não entendiam que era uma coisa... algo maior, que eles fossem obrigados a ir assistir os nossos espetáculos também. Bom, [nós atores e atrizes trans, travestis e não-binários] ganhamos o [Prêmio] Shell agora recentemente.⁶ Então, eu precisei ir ao SATED [Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões], mudar a questão do meu DRT [registro profissional de artistas emitido pela Delegacia Regional de Trabalho]... foram pequenos lugares e, óbvios, os outros enormes - como na Rede Globo, na O2, na Netflix... que são três lugares que eu sabia se eu conseguisse [chegar e] transformar, eu mudaria o mercado brasileiro.

[Foi] por causa desses três lugares que fui estudar comunicação não-violenta, fui falar mais baixo, entre seis e oito *hertz*, ser mais didática, ser menos quente, para que eu pudesse realmente ser ouvida, e não como no começo do “Representatividade Trans”: como eu era muito quente, pela questão de como as pessoas me tratavam, colocavam uma cortina de fumaça em tudo que eu falava pela minha suposta violência, ou por eu ser enfática.

⁶ Renata se refere à 33ª Edição do Prêmio Shell de Teatro, de 21 de março de 2023, que pela primeira vez em sua história premiou uma atriz trans. Verónica Valenttino foi eleita como melhor atriz de 2022 pelo júri de São Paulo.

Então, são estratégias que consegui dentro desse, óbvio, amadurecimento cênico, amadurecimento da vida, uma “estabilidade,” entre muitas aspas. Acho que dificilmente volto para a prostituição. Mas sempre isso esteve no meu lugar, assim, como atriz durante 20 anos.... Que a qualquer momento eu poderia voltar para a prostituição. Hoje acho muito difícil eu não viver mais de arte. Mas temos que estar atentos e fortes.

Com essa calma na carreira, até com um pouco de estabilidade financeira, não estou precisando vender o almoço [para pagar o jantar]. Eu consigo almoçar e jantar. Então, eu consigo refletir com mais calma, com mais serenidade, com terapia, medicada, enfim. Mas essa imagem minha de 2017... ela ainda é replicada nos dias de hoje para essas pessoas. Meu nome é barrado em vários lugares, porque as pessoas acreditam que eu vou destruir as produções. E eu sempre chamo a atenção que vocês podem, em todas as minhas postagens do MONART, em todas [postagens] da minha rede social, nenhuma é sobre trabalho meu. As minhas desavenças, os meus desafetos, são por defender outras pessoas.

Então, quando percebo que estou me desentendendo com algumas pessoas, é para pessoas trans estarem em vários lugares. [Mas] aí sou atacada por essas pessoas que estão ocupando esses lugares. Ganhando dinheiro, tendo uma carreira. Inclusive dando palestras em cima da minha pesquisa. Ganhando dinheiro em cima da minha pesquisa.

Percebo que eu precisava parar, [que] eu me perdi no coletivo, e eu esqueci dos meus sonhos pessoais. Então, hoje estou num momento de sonhos pessoais, dificilmente eu me coloco [como antes], por mais que eu queira voltar a falar. De 2018 a 2022, em 2023... eu não falava publicamente em lugar nenhum, devido a um ataque de pânico que tive em 2018, com a junção de tudo isso.

Eu tenho uma síndrome do pânico no dia da segunda apresentação na Mungunzá, porque começo a ser atacada [nas redes sociais]... eu cancelo a minha apresentação, e para mim sempre foi vida estar lá. Cancelei uma apresentação, na segunda apresentação da Mungunzá.. devido a essa crise de pânico. Acordei toda empipocada, minha pele descascou inteira, minha cabeça... tenho resquício até hoje. Fiquei um ano com uma alergia, a minha ansiedade... eu ainda estou controlando isso, de sair de casa....

Decido parar com a luta coletiva - e não é que eu não lute mais coletivamente, porque eu estando com o “Manifesto” e com os debates que levanto, eu sei da abertura de caminho que a peça tem feito, que tenho feito não só no Brasil - eu estou trabalhando em outros países, Itália, França, Portugal, Romênia... resolvi parar o meu próximo trabalho, que era um trabalho coletivo, ligado ao MONART, e aí dentro disso eu ia fazer um trabalho coletivo, abrangendo

tantas outras pessoas, mas aí eu não tinha saúde para lidar com todas essas questões, fora as questões da vida [pessoal].

Porque as [outras] pessoas trans acham que a minha vida foi muito fácil, né? No sentido que elas só me estão me vendo agora como classe média, intelectual. Mas não sabem que eu entrei na universidade com 39 anos porque quando eu transicionei, eu nem pensava em fazer universidade. Eu sempre quis fazer universidade de teatro. Que eu fui prostituta, que eu fui 11 anos agente de prevenção voluntária, ninguém sabe da minha história. E o problema não é que as pessoas trans ou as pessoas cisgêneras não possam ser críticas a mim. Se vocês forem pesquisar como eu era atacada na questão da representatividade, ninguém falava do que eu estava dizendo, eram ataques pessoais. A minha pessoa, e até hoje, né? Sou chamada de diabólica, de que eu quero aparecer o tempo inteiro. Eu fui acusada de criar o “Representatividade Trans” porque eu queria aparecer. E aí hoje eu olho essas pessoas, todas trabalhando, e nenhuma fala sobre representatividade. Ninguém fala sobre o MONART. Então, com tudo isso, eu falei assim: “nossa, eu estou me desgastando por pessoas que não valem a pena”. Esse é um momento de reflexão do que quero fazer da minha arte.

B: E como tem sido também essas novas linguagens? Tendo essa trajetória no teatro, como tem sido agora também estar nesse espaço da escrita? Estar na universidade, e ser convidada para estar nesse espaço?

R: A universidade eu entrei porque a minha terapeuta mandou eu entrar, porque estavam roubando a minha pesquisa, sabe? Inclusive, [outras] pessoas trans. Mas eu sempre fui muito nerd. Uma amiga minha que estuda comigo desde a adolescência, ela sempre falou “ah, a Renata sempre foi nerd.” As pessoas que eu trabalhava no salão sabiam que eu sempre tinha um livro. É engraçado que hoje sou convidada a todos os lugares que me foram negados.

Porque tem a Renata que eu sou, e a Renata que as pessoas acham que sou, né? Tem essa Renata que criam. E esquecem que sou humana e que eu também estou nesse processo. Que eu também sou um corpo trans e que eu também sou um corpo trans doente, né? Mas quando você é hostilizada a vida inteira, é estranho quando você é um pouco exaltada.

Mas eu já falei em universidades fora do Brasil, né? Sou convidada para eventos, assim, que eu nunca imaginei como artista... e, às vezes, como a única brasileira. [Recentemente], em Estocolmo, eu estava numa reunião com ministros da cultura de vários países do mundo inteiro. Eles interessados, assim, em como mudar, eles ficam um pouco passados, essa coisa do *transfake*... “como mudou, né?”. Então, esse ano [2024], eu voltei a ter vontade de falar, fiz muita oficina de escrita, então eu estou compartilhando.

Porque o MONART... a grande ideia do MONART era compartilhar todas as minhas experiências, a ideia sempre foi essa. De eu compartilhar a minha pesquisa com as pessoas, elas irem aprendendo junto com a minha pesquisa. Junto comigo também, né? A ideia era ter esse grupo, o Coletivo T era isso. Era um grupo de pesquisa sobre a temática trans, e que ali a gente pudesse artisticamente responder. Só que eu não consegui isso com as pessoas trans... Então, eu fui buscar em outros lugares.

Eu fui à Faculdade de Medicina de Edimburgo, eu fui para Nova York falar... têm USP, UNICAMP, UNESP, UDESC, UFSCar, eu já falei em várias. Então, eu estou nesse momento de compartilhar a minha experiência. Estou voltando a querer compartilhar, mas de uma outra forma. Não mais de forma coletiva. Coletiva, no que eu quero dizer, é que seria um trabalho de estudo coletivo. Então, esse trabalho de estudo... agora eu vou compartilhá-lo individualmente, coletivamente, de outra forma. Por exemplo, o que eu quero dizer é que agora eu seria a diretora desta peça e convidaria essas pessoas. “Vamos passar esse ciclo, vamos fazer sobre isso.” Não criar coletivamente uma obra, entende? Por mais que isso seja coletivamente o meu trabalho [como diretora e autora].

r: Acho que é muito interessante ouvir da sua fala também, como a pesquisa teatral está imbricada em outras formas de pesquisa. Talvez se você quiser falar um pouco mais sobre esse trabalho de produção: como funciona? Como você pesquisa? Como você investiga? No “Manifesto”, você trabalha com diversas fontes históricas. Aquelas fontes também te nutrem em vários sentidos, e você apresenta isso também.

R: Eu tenho a *Travesteca*, que é a minha biblioteca com temática trans. E só de livros trans, com temática trans, tem mais de 260. Entre nacionais e internacionais. É desse lugar que eu me alimento. E dos livros interseccionais, né? O feminismo negro, preciso deixar isso bem nítido, o feminismo negro foi uma cisão muito forte na minha pesquisa, foi um momento muito importante. Acho que foi o momento quando entendi o “Representatividade,” a questão do *transfake*, enfim, foi uma cisão muito forte. Então, vem desse trabalho. E depende muito do que estou fazendo ou do que quero fazer. Se fico mais nas biografias, se vou para os livros mais acadêmicos, determinados temas...

Agora eu vou dirigir uma peça de uma pessoa cisgênera que trabalhou comigo numa série, “Pico da Neblina,” de um livro chamado “Diamba,” que é sobre o proibicionismo no Brasil, sobre maconha. E eu aceitei porque [esse trabalho] não fala sobre pessoas trans. Agora estou lendo Angela Davis, “Estarão as prisões obsoletas.” Já estava na minha *travesteca*. E eu

já tinha lido algumas coisas sobre criminalidade para entender o corpo trans. Então li “Encarceramento em massa”, “A liberdade é uma luta constante,” “Mulheres, raça e classe”...

Eu vou preparar meu TCC (trabalho de conclusão de curso), então eu vou pegar todos esses livros que eu já li, passar todas as referências, entender o que quero... Se estou na parte da infância, se estou na parte da velhice, se estou na parte da violência, se estou na parte do afeto, se estou na parte de relacionamento, da parte da família. Depende muito da minha linha de pesquisa para eu focar mais em um tema. E é óbvio que também, com a faculdade, a minha pesquisa, eu não ganho para fazê-la. [Minha pesquisa] é particular desde 2007. Então, é muito mais por uma curiosidade minha, mesmo, como pesquisadora. [Mas] agora, como estou tratando isso intelectualmente, tenho me alimentado muito disso. Eu sempre falo que ainda tenho uns 30 livros para ler, porque é desse trabalho que vou elaborando, por isso que a minha pesquisa é viva.

Apesar de que, sobre o “Manifesto,” estou em um momento em que estou pensando sobre ele... O “Manifesto” é uma obra viva, mas vou parar de refletir sobre ele. Ele precisa morrer um pouco dentro de mim para entrar outra coisa. Olha, eu estou com o “Manifesto” desde 2019. Eu consegui achar uma palavra que estava faltando, domingo agora, quando apresentei em Cubatão. De uma cena [com] a palavra “continua”. “Continua”... Então, é óbvio que eu vou refletir com ele, porque estou com ele vivo, né? Mas ele está morrendo.

Mas como a minha pesquisa é muito viva, tudo eu vou fazendo meio junto [na prática]. Eu estou lendo sobre encarceramento, mas uma ideia me serve para o [longa] “Corpo, sua autobiografia.” Aí eu anoto. Aí serve para o livro que eu quero fazer sobre “Jesus.” Serve para eu falar sobre representatividade, eu jogo lá naquele campo. Vai muito assim. Quando eu quero falar sobre representatividade, eu vou nesse campo que eu tenho guardado, e aí eu vou relendo. O “Manifesto,” por exemplo, eu voltei a minha pesquisa inteira, os livros que eu li, qual fala que podia fazer, porque às vezes é um nome de capítulo que vira uma fala. É o nome de uma música que vira uma fala. E falas se juntam, falas que eu corto, junto com outra, dou outro sentido, enfim. E aí, nessa colagem, nessa *transpofagia*, né? Eu como tudo isso e, de alguma forma, eu jogo isso para fora. E a escrita tem sido [esse] lugar...

Porque eu sempre escrevi os meus trabalhos, eu sempre fui uma atriz criadora, mas eu não assumia esse lugar. Como diretora, eu sempre fiz a dramaturgia. E como atriz também. Mesmo o meu grupo lá em Santos, eu já trabalhava com atores criadores. Então, vai muito dessa sensibilidade de trabalho, porque não é só na leitura, são obras de arte, museus, os filmes que assisto com a temática, e disso tudo vai me abrindo [possibilidades de criação].

B: Esse nosso dossiê, ele também é uma trincheira que, de alguma forma, se dá a partir também de controvérsias. Esse lugar da visibilidade, de se expor, aos riscos que isso envolve, das contradições. Fico pensando em como você percebe mudanças também nesse espaço... Penso que grande parte das pessoas que mandaram textos para esse dossiê são pessoas trans que estão começando na trajetória acadêmica. Quais seriam os novos desafios que temos hoje - de questões que ainda precisamos avançar?

R: Eu sempre falo assim: “as pessoas acham que é fácil falar sobre a vida”, né? E elas não podem medir a régua, porque, como transpóloga, eu falo de 90% da população. E mesmo assim, seria muito pretensioso da minha parte achar que eu vou saber tudo, falar sobre tudo - essas coisas das pessoas cisgênero. Inclusive, que bom que eu não consiga isso. Não consigo estar em todos os lugares, fazer todos os personagens, porque isso também me torna humana.

Mas fico um pouco com receio dessa juventude que questiona só por questionar. Ou que deslegitimam uma construção de mais de 40 anos com uma opinião infundada por achismo. Acho que para eu falar da minha vivência, primeiro eu preciso vivenciá-la. Como transpóloga, eu posso te afirmar, quando a gente tem a transição social, a gente parte da infância. A gente volta à infância. Então, é um aprendizado de vida. Se você tem dois meses, um ano de transição, dois anos de transição e já acha que pode falar da experiência [trans]... de uma forma científica, eu digo... né, gente? [Você] pode começar a elaborar... a não ser que hoje você consiga ter várias elaborações, pensamentos...

Mas eu acho importante esse novo olhar. Acho que a juventude sempre traz algo novo. Não acho que seja coisa chata, não acho. Acho que sempre traz algo novo. E eu acho que talvez essa juventude, agora, ela precisa achar de onde continuar. Porque a minha geração, tudo que a gente quis lutar, a gente conseguiu. Ambulatório, pode ser por via judicial, mas está aí. O nome, ambulatório, hormonioterapia, enfim. O SUS, né? São avanços muito significativos. Muito significativos... Que, nossa, na minha época eu nunca imaginei que você poderia mudar no cartório. Eu falo: “nossa, que civilizado, o meu nome é judicialmente que eu mudei” [risos].

Mas eu acho ótimo que entrem pessoas trans [nos espaços], e que explodam trabalhos sobre pessoas trans. E aí tem uma coisa que, quando um assunto se torna público, vai ter besteira. O que eu vejo de gente falando de besteira sobre *transfake*... mas eu acho ótimo! Porque está público. Quando se torna público, todo mundo fala, e às vezes fala besteira. Tem um monte de TCC [trabalho de conclusão de curso] aí, de pessoas cisgêneras, que é tudo igual. Que é um copia e cola. Um monte de TCC que não serve nem para aparador de porta, que não serve para nada. Centenas. Mas o que me interessa são pessoas trans produzindo TCC. Pessoas

trans produzindo mestrado, pessoas trans produzindo doutorado. Porque eu já acho que tem trabalhos fantásticos de pessoas trans em quase todas as áreas. Mas isso vem com o tempo.

Quando você está na luta política, você precisa entender o tempo. Tem coisa que é para agora, tem coisa que é para médio prazo, e tem coisas que são para longo prazo. Acho que essas pessoas que estão agora na graduação fazendo trabalhos sobre transgeneridade vão ser doutores ótimos. Porque vai ter o tempo, o amadurecimento de idade, de universidade, de conhecimento e de transição. Eu acho sensacional.

Ter pessoas suas, [outras pessoas trans], na universidade, gente, na minha época, eu nem pensava. As que conseguiam eram por uma luta muito pessoal. Você não conseguia estudar nem na escola. Eu tenho uma amiga, ela trabalha aqui no centro da cidade, eu a conheci no movimento [trans]. A história dela... ela saiu da escola porque as pessoas queriam tacar fogo nela, ela teve que sair no porta-malas do professor. Como se volta para a escola depois disso?

R: A gente gostaria que você comentasse um pouco sobre os conceitos que você tem elaborado ao longo do tempo: *transcestralidade*, *transfake*, *transpologia*, *travesteca*, *transfobia recreativa*, *traviarcado*...

R: É que eu sempre fiz. E não só eu: meu grupo de amigos de Santos, do coletivo, a gente sempre teve essa coisa de mudar o nome. Então, minha casa em Santos era a *Transhouse*. Eu moro no 83, mas eu falo *80 e trans*. Então sempre fez parte da minha vida essa brincadeira com as palavras. E eu gosto das palavras, né? A língua é uma das minhas pesquisas, eu sempre gostei disso. Então, foi muito natural quando entendi que eu precisava criar.

Ancestralidade. No meu caso é *transcestralidade*. *Traviarcado*, é o pós-patriarcado, eu quero o que vem depois, né? Vai sair até um livro com essas novas palavras e *traviarcado* será uma delas. Então fui mudando muito... *Transpóloga*, uma antropóloga trans, né? Eu sempre fui brincando nesse neologismo, criando essas palavras.

Gente, eu estava em Estocolmo, aí conheci uma travesti paraguaia, e ela ficou: “você que inventou a palavra *traviarcado*!” Ela estava uma semana, duas semanas antes, num evento chamado *Traviarcado*. Eu falei: “como que isso chegou lá no Paraguai?”, e ela falou: “é de uma travesti brasileira”. Eu respondi: “sempre tem uma travesti brasileira.” [risos]

Hoje, o *traviarcado* já pegou. Mas quando comecei a falar, [a reação das outras pessoas era] “não precisa disso, e que não sei o quê.” Até o “*travaé, trava somos*” agora tão falando, de tanto que eu falo *evoé*. E aí, o “*travaé, trava somos*.” Através dessas questões, eu falo assim: “nossa, a minha palavra realmente tem...”. Hoje, o *traviarcado* eu vejo em várias coisas... Quando as pessoas falam em *transcestralidade*, enfim, vem tudo desses neologismos, dessa

transpofagia. Faz tão parte de mim, *transpofagia*. E realmente tem muito da leitura também, né? O Guimarães Rosa, ele cria muitas palavras... e vem do pajubá também, né? Essa questão da palavra.

E aí, eu precisava de alguma coisa que me contemplava e contemplava a mim, o meu corpo, as minhas. Então, *traviarcas*. Naturalmente, veio pegando a questão. Assim, *traviarca* ainda está pouco... Mas já estão usando, né? Chamo todas essas antigas de *traviarca*. Eu as vejo e falo: “traviarca!”. Vem muito nesse lugar de criar esses nomes.

E trapacear a língua mesmo. Se não tem, agora tem, porque nós estamos aqui. Se não tem, a gente criou. Agora respeite.

Eu amo, gente! Eu amo, e eu crio até hoje, eu falo. Já é uma piada. Se vejo passar *transporte*, eu falo que é meu, eu sou a dona. Sabe essas brincadeiras bobas? [risos]. Eu fico sempre brincando com as palavras. E eu pesquiso muito as palavras. No “Manifesto”, eu escolho as palavras. E eu estou indo para a escrita... tem uma coisa da escrita... na escrita, eu posso ser violenta. Eu estou um pouco cansada das pessoas esperarem essa Renata sóbria. É que, assim...eu me controlo no sentido de que isso faz bem para mim. Porque para eu chegar nesse lugar, quem sai depois mal sou eu, né? Enfim, e aí eu tive a percepção de que eu posso ser violenta na escrita.

Estudei muito com o livro “Fome: Uma autobiografia do (meu) corpo”, da Roxane Gay, e com o livro “Teoria King Kong”, da Virginie Despentes. Então, “O Corpo, sua autobiografia”, que é o meu filme... - na verdade, é um livro. Que é o meu livro que chamo de *giletada*. Ele está na minha cabeça já há muitos anos. Eu emprestei o nome para o filme. E aí, é uma escrita que tem violência. Eu vou contar como as pessoas olham o meu corpo mesmo, assim, na rua. Sem a comunicação não-violenta. Não vou chamar de lugar de transfobia. Se tiver que mandar tomar no cu, eu mando tomar no cu! Então, eu quero poder exercitar um pouco [essa violência], me jogar na escrita.

B: Fico inspirada. Essas linguagens, também... a gente vai conhecendo o que tiramos delas também, né? O que cada uma delas tem de específico, de potente... quais seus próximos projetos com a escrita?

R: Tem esse. Tem o livro de “Jesus”... eu quero contar essa história. Só que pra eu contar, eu preciso voltar para ela, e a história é babado. Aí eu vou ter que ler os comentários, sabe? Eu estou... nesse momento, um pouco ainda trabalhando para a volta dessa... Porque algumas coisas eu descobri em documentários, por exemplo.

Eu fiz dois documentários falando de “Jesus,” e tem coisas que descobri assistindo esses documentários. Chegou uma época que parei de ver, inclusive comentários. Eu não vejo comentários, inclusive desde “Jesus”. Eu não vejo comentários em nenhuma reportagem minha, de travestis, eu não vejo nenhum comentário... por conta disso, sabe?

Mas a questão da escrita... eu tenho falado muito nas minhas oficinas. As pessoas têm vergonha de escrever, têm vergonha de falar que escrevem, né? Então, eu também estou nesse momento de empoderar as pessoas a escrever. E entender que, é óbvio que eu acho importante esse teatro LGBT, marcar que existe como representatividade, como memória, mas é teatro feito para todes. [Feito para todes], mas é teatro feito a partir do olhar de uma travesti com consciência.

Então, a *escrevivência* de Conceição Evaristo, a *travaturgia* da Ave Terrena... era um outro nome que eu usava, mas aí veio a minha filha, Ave Terrena, e deu *travaturgia*. Eu falei, “ai, filha, é melhor, então eu vou usar a sua.” A *travaturgia* não é minha, é da minha filha, a Ave Terrena.

Inclusive, já tem alguns livros com a palavra *transfake*. Então, sempre eu me inspiro em alguma palavra. O *transfake* foi no *blackface*. Inclusive, eu fui muito atacada por ter me inspirado na palavra *blackface* - inclusive, por pessoas trans, que não usam a palavra *transfake* e dão outros nomes em suas pesquisas acadêmicas, porque não gostam da palavra. E aí eu tive que conceituar o porquê que eu posso me inspirar na palavra *blackface* com a questão da interseccionalidade, e explicar a diferença. O foco principal é a ausência desses corpos, a exclusão desses corpos. Então, além de tudo, eu crio e conceituo a palavra, não é só criar não. Eu digo muito para as pessoas que trabalham e andam comigo: conceitua que tudo dá certo. Tudo é uma coisa mesmo de olhar.

E aí, eu também tenho, acho que ensinado... tentado passar, né? Ensinado, é ótimo. Mas tentando passar... da gente mudar as perguntas, sempre. Da gente olhar com outro olhar para a nossa vida. E para os questionamentos das pessoas cisgêneras. Com o “Representatividade”, qualquer questionamento que falavam de pessoas trans, eu vinha questionando com pessoas cisgêneras. E eu sempre falo: se tem alguma pergunta para pessoas trans, e elas não fazem sentido para as pessoas cisgêneras... se for a mesma pergunta, não faça. São alguns macetes.

Então, acho que empoderar na escrita, para que a gente possa escrever, falar dessas vivências, falar do que está sentindo com qual idade for, em qual momento for. A gente precisa criar essas memórias.

Referências

- BARTHES, R. Aula: aula inaugural da Cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2007 [1977].
- BORGES, Juliana. Encarceramento em massa. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- CARVALHO, Renata. Manifesto Transpofágico. São Paulo: Editora Casa 1, 2022.
- CAVA, Peter. "Cisgênero e Cissexual." Revista Nanduty, [S. l.], v. 10, n. 16, p. 153–159, 2022. Disponível em <https://ojs.ufgd.edu.br/nanduty/article/view/16771>. Acesso em 11 out. 2024.
- CLIFFORD, Jo. The Gospel According to Jesus Queen of Heaven: 10th Anniversary Edition. Edimburgo: Stewed Rhubarb Press, 2019 [2009]
- CORPO: sua autobiografia. Direção de Renata Carvalho e Cibele Appes. Brasil: Corpo Rastreado. 41 minutos, son. col. 2020.
- DAVIS, Angela. A liberdade é uma luta constante. Organização de Frank Barat; tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2018.
- DAVIS, Angela. Estarão as prisões obsoletas? Trad. Marina Vargas. Rio de Janeiro, RJ: DIFEL, 2018.
- DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo, SP: Boitempo, 2016.
- DESPENTES, Virginie. Teoria King Kong. Tradução de Márcia Bechara. São Paulo, SP: n-1 Edições, 2016.
- DIVERSIDADE marca a premiação do 33º Prêmio Shell de Teatro. Press releases, Shell. 21 de março de 2023. Disponível em <https://www.shell.com.br/imprensa/press-releases-2023/diversity-marks-the-award-of-the-33rd-shell-theater-award.html>.
- GAY, Roxane. Fome: Uma autobiografia do (meu) corpo. Tradução de Alice Klesck. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Globo Livros, 2017.
- GOH, Katie. "The revolutionary play that casts Jesus as a trans woman". Dazed, 12 mar. 2019. Disponível em <https://www.dazeddigital.com/life-culture/article/43680/1/jo-clifford-the-gospel-according-to-jesus-queen-of-heaven-trans-lgbtq-play>. Acesso em 14 out. 2024.
- GUIMARÃES ROSA, J. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2015 [1956].
- KER, J. “Atriz Trans que interpreta Jesus: 'Os Seguranças que contrataram para nos defender queriam me bater'”, The Intercept Brasil. 08 de Agosto de 2018. Disponível em <https://www.intercept.com.br/2018/08/08/atriz-trans-jesus/>
- MOVIMENTO NACIONAL DE ARTISTAS TRANS. “Carta aberta”. Revista Cult, 26 de fevereiro de 2018. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/carta-aberta-do-movimento-nacional-de-artistas-trans/>.
- MOVIMENTO NACIONAL DE ARTISTAS TRANS. “Manifesto sobre a inclusão de pessoas trans no mercado de trabalho”. Facebook, 11 mar. 2017. Disponível em https://www.facebook.com/RepresentatividadeTrans/posts/pfbid02h2TjYQrz7e5BA89uVgTbBwtqmY862r9qN5puiyKbQ7F1Fypyp8Na65xkirQoCbCwl?locale=pt_BR. Acesso em 9 out. 2024.
- OS PRIMEIROS Soldados. Direção de Rodrigo de Oliveira. Produção de Rodrigo de Oliveira e Vitor Graize. Brasil: Pique-Bandeira Filmes e Canal Brasil. 107 minutos, son. col. 2022.

PAIVA, D. Diamba: histórias do proibicionismo no Brasil. Porto Alegre, RS: Brasa Editora, 2023.

PICO da Neblina [Seriado]. Direção: Quico Meirelles & Fernando Meirelles. Produção: André Barata Ribeiro et al. Brasil: HBO, 2019. 2 Temporadas, son., color.

RODOVALHO, Amara Moira. "O cis pelo trans." Revista Estudos Feministas, v. 25, n. 1, p. 365–373, jan. 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p365>. Acesso em 9 out. 2024.

RODRIGUES, N. A vida como ela é...: O homem fiel e outros contos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997 [1961].

VENTO Seco. Direção de Daniel Nolasco. Produção de Aline Mazzarella et al. Brasil: Estúdio Giz e Panaceia Filmes. 110 minutos, son. col. 2020